

## Construindo uma Ciência Aberta: olhares diversos

### Building an Open Science: Diverse Views

**Ricardo Casate Fernández**

Instituto de Información Científica y Tecnológica (IDICT). Cuba.  
Editor convidado.

**Nancy Sánchez Tarragó**

Universidade Federal de Rio Grande do Norte, Brasil.  
Editora.

Em 2018 se cumpriram 16 anos da Iniciativa de Budapeste, reunião que deu impulso definitivo ao Movimento de Acesso Aberto à informação científica, como crítica às disfunções do sistema de comunicação científica: altos preços dos periódicos científicos, crescentes restrições do direito de autor, processo editorial moroso e desaproveitamento das vantagens da Internet para a pesquisa científica e a comunicação da ciência. O manifesto que se tornou bandeira do movimento em prol do acesso livre à informação científica propunha a convergência entre o tradicional *ethos* científico e a Internet para conseguir um sistema distribuído de inteligência humana como bem comum (GUÉDON, 2017). O acesso livre e sem barreiras econômicas, legais e tecnológicas constitui um dos pilares da Ciência Aberta. Este é um conceito complexo, ainda em construção, mas que implica em mudanças nos comportamentos e nas práticas dos pesquisadores com relação a como se investiga e se comunica na ciência. Nessa nova visão, a Ciência Aberta representa um esforço consciente de investigar e comunicar com maior transparência e colaboração de maneira a potencializar a reprodutibilidade dos resultados, a circulação e o reuso da informação e dos dados para criar uma ciência de mais qualidade.

Além do acesso livre à informação científica, a construção de uma Ciência Aberta tem como alicerces um amplo conjunto de conceitos, enfoques e iniciativas muito bem representados em uma conhecida taxonomia divulgada pelo projeto Foster (*Fostering the practical implementation of Open Science in Horizon 2020 and beyond*) da União Europeia (PONTIKA

et al, 2015), que inclui dados abertos, licenças abertas, softwares de código aberto, ferramentas de colaboração e compartilhamento para a pesquisa, instrumentos de avaliação, assim como políticas e guias. É, sem dúvidas, um espaço aberto também para reflexões críticas sobre ética, geopolítica e competências que interessam fortemente aos profissionais da informação, sobretudo, pensando em como construir uma Ciência Aberta desde uma perspectiva latino-americana.

Portanto, com o intuito de promover uma discussão sobre este tema, desde diferentes arestas, a IRIS-Revista de Informação, Memória e Tecnologia, reúne neste dossiê temático cinco trabalhos inéditos de investigadores com formações e procedências diversas, unidos pelo interesse comum na construção de uma Ciência Aberta. A seguir, apresentamos uma sinopse de cada um dos trabalhos incluídos.

Luis Carlos Silva Aycaguer, investigador titular da Escuela Nacional de Salud Pública de Cuba analisa criticamente diferentes modelos de negócios implementados por revistas de acesso aberto que colocam em risco o propósito original do Movimento de Acesso Aberto de superar a crise do modelo tradicional de comunicação científica, baseado nos periódicos por assinatura. O autor destaca os riscos que gera o modelo APC (taxa por processamento de artigos), tanto como fonte de conflitos de interesse como na proliferação de periódicos e congressos predatórios e destaca a importância de reforçar os mecanismos de controle de qualidade (SILVA AYCAGUER, 2018).

O artigo de Wouter Schallier, diretor da Biblioteca Hernán Santa Cruz, da Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) das Nações Unidas com sede em Santiago do Chile, examina alguns aspectos essenciais que caracterizam a passagem do acesso livre à Ciência Aberta, particularmente para América Latina e Caribe. Para isso, expõe os pontos fortes da região como pioneira na adoção de iniciativas de acesso aberto ao conhecimento, exemplificados por iniciativas como SciELO, Redalyc e Latindex, destacando também que outros esforços ainda são necessários para solucionar a divisão entre ciência ‘principal’ e ‘periférica’ (SCHALLIER, 2018).

Remedios Melero, professora e investigadora do Instituto de Agroquímica y Tecnología de Alimentos, do Consejo Superior de Investigaciones Científicas da Espanha, com ampla produção científica em temas relacionados com o acesso aberto, contribui com um

trabalho que proporciona uma visão geral dos principais esforços e iniciativas europeias que visam promover e facilitar infraestruturas e serviços como suporte à Ciência Aberta, incluindo aqueles que têm como propósito a divulgação e capacitação sobre o tema dirigidos a diferentes atores da sociedade (MELERO, 2018).

Denisse Albornoz, pesquisadora, e Leslie Chan, professor da University of Toronto, ambos participantes da *Open and Collaborative Science in Development Network* (OCSDNet), examinam criticamente o discurso da Ciência Aberta, estruturado, fundamentalmente, nos países da América do Norte e Europa, buscando investigar como se define e se pratica a Ciência Aberta no contexto dos países de América Latina, África, Oriente Médio e Ásia. A preocupação central é analisar se a Ciência Aberta, tal como se está configurando, reproduz as mesmas desigualdades na pesquisa e no desenvolvimento que hoje afetam os países em desenvolvimento. Os autores propõem outras alternativas para criar uma Ciência Aberta situada historicamente, em contextos e processos sociopolíticos concretos, como instrumento para corrigir os vieses e as desigualdades sistêmicas (ALBORNOZ; CHAN, 2018).

Finalmente, o artigo dos colombianos Jaider Ochoa-Gutiérrez e Alejandro Uribe-Tirado, professores e pesquisadores da Escuela Interamericana de Bibliotecología, da Universidad de Antioquia, Colombia, analisa o papel das bibliotecas universitárias no desenvolvimento da Ciência Aberta em escala internacional, por meio de uma revisão sistemática da literatura. Os autores constataam a importância das bibliotecas universitárias na promoção e implantação de iniciativas de Ciência Aberta. O estudo revela que as ações, atualmente, estão focadas na criação de repositórios visando o acesso livre às publicações científicas, mas que é insuficiente a participação na gestão de dados de pesquisa e outras arestas da Ciência Aberta, o que sugere novos espaços de atuação profissional e a necessidade de definição de novas competências (OCHOA-GUTIÉRREZ; URIBE-TIRADO, 2018).

Esperamos que estas contribuições, que ainda não esgotam os diversos eixos de pesquisa e discussão sobre acesso aberto e Ciência Aberta, sirvam de inspiração e convite para continuar explorando estes temas na ótica da Ciência da informação.

Boa leitura!

## Referências

ALBORNOZ, D; CHAN, L. Power and Inequality in Open Science Discourses. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, Recife, v. 4, n.1, 2018.

GUÉDON, J-C. **Open Access**: Toward the Internet of the Mind. 2017. Available at:  
<<https://www.budapestopenaccessinitiative.org/open-access-toward-the-internet-of-the-mind>>.

MELERO, R. La ciencia abierta (open science) bajo el paraguas de Europa. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, Recife, v. 4, n.1, 2018.

OCHOA-GUTIÉRREZ, J.; URIBE-TIRADO, A. Ciencia abierta y bibliotecas académicas: una revisión sistemática de la literatura. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, Recife, v. 4, n.1, 2018.

PONTIKA, N. ET AL Fostering Open Science to Research using a Taxonomy and an eLearning Portal. In: iKnow: 15th International Conference on Knowledge Technologies and Data Driven Business, 21-22 Oct 2015, Graz, Austria. **Anais...** Available at:  
<[http://oro.open.ac.uk/44719/2/kmi\\_foster\\_iknow.pdf](http://oro.open.ac.uk/44719/2/kmi_foster_iknow.pdf)>

SCHALLIER, W. From Open Access to Open Science: innovation in scholarly communication. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, Recife, v. 4, n.1, 2018.

SILVA AYCAGUER, L. C. Crisis en la calidad de la ciencia médica: el papel del arbitraje en el nuevo desorden editorial. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, Recife, v. 4, n.1, 2018.